

A geopolítica da sucessão

Luiz Orlando Carneiro

Desde a proclamação da República, há 100 anos, realizaram-se no Brasil 15 eleições diretas para a presidência. No período 1889-1930, São Paulo deu seis presidentes e Minas Gerais, três, num total de 11. Depois da derrubada da ditadura Vargas, foram eleitos quatro presidentes: Eurico Gaspar Dutra, que era de Mato Grosso; o gaúcho Getúlio Vargas; o mineiro Juscelino Kubitschek; o paulista adotivo Jânio Quadros.



Os números refletem o que sabemos todos — a predominância na Federação das políticas de São Paulo e Minas, que, com a denominação de “café-com-leite”, vigoraram até a assunção de Getúlio Vargas, em 1930.

Se a paisagem sócio-econômica e a fisionomia político-institucional do país são bem diversas do que eram na República Velha e mesmo há 30 ou 40 anos, não se pode deixar de levar em conta, neste ano do centenário da República, o peso dos paulistas e mineiros na sucessão presidencial. Até mesmo a partir dos dados objetivos, segundo os quais, dos 80 milhões de eleitores, 22% são de São Paulo e 11% de Minas.

A afirmativa de que a sucessão do presidente Sarney terá de passar, necessariamente, por São Paulo e Minas é, no entanto, um lugar-comum que passa a ser cada vez mais contestado. As pesquisas de opinião pública, até agora, não têm reforçado a tese dos que consideram impositivo o peso econômico e demográfico dos dois estados.

É verdade que os prováveis candidatos dos dois maiores partidos do país — o paulista Ulysses Guimarães e o mineiro Aureliano Chaves — ainda não tiveram oportunidade de exibir todo o seu potencial, mesmo porque o PMDB e o PFL estão vivendo um alarmante processo de decomposição.

Mas, a julgar pelas pesquisas disponíveis, a opinião pública tem-se mostrado menos ligada à naturalidade dos postulantes à presidência da República do que à sua pregação e à sua ideologia.

Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva (muito mais petista do que paulista) e o “nordestino” Fernando Collor de Mello somam 47% das intenções de voto, conforme a última pesquisa do Ibope. Os paulistas Ulysses Guimarães e Mário Covas, juntos, não vão além de 13%, enquanto a candidatura mineira de Aureliano Chaves continua sem decolar, estacionada em magros 4%.

A questão geopolítica continua, contudo, a interessar os principais presidencialistas, à exceção de Lula, candidato de um partido assumidamente sectário. Leonel Brizola atraiu o sindicalista Luís Antonio Medeiros, não apenas por sua militância antipetista, mas também por causa de suas bases paulistas. Ulysses Guimarães sempre sonhou em ter como companheiro de chapa Waldyr Pires (sonho que, aliás, virou pesadelo), não só por estar o governador baiano à sua esquerda, mas também dada a sua condição de nordestino. Mário Covas, ao que dizem, ainda sonha igualmente com Waldyr Pires, e não com outro paulista ou um mineiro. Hélio Garcia é um nome procurado e disponível para a vice-presidência, porque é bom de voto em Minas, da mesma forma que o governador Tasso Jereissati não pode ser desprezado como eleitor nordestino.

A indefinição do PMDB e do PSDB com relação à vice-presidência tem muito a ver com a crença de que o Nordeste pode vir a ter um peso decisivo na definição dos dois candidatos ao inevitável segundo turno.

Não se trata de uma simples crença, pois o Nordeste tem um marcado caráter regional. E a região — da Bahia ao Piauí — representa 27% do eleitorado, ou seja, apenas 6% a menos do que São Paulo e Minas Gerais juntos.

Os articuladores políticos do PMDB e do PSDB sabem que, se candidatos com características muito personalistas, como Brizola e Lula, podem dar-se o luxo de considerar secundária a questão da vice-presidência, o mesmo não é válido para as demais candidaturas. Na opinião deles, os quatro principais concorrentes à sucessão de Sarney deverão acabar mais ou menos emparelhados na Região Sudeste, quando “decolarem” as candidaturas do PMDB e do PSDB. É no Nordeste, na opinião deles, que vai ser travada a batalha final da guerra pelo primeiro turno.

Luiz Orlando Carneiro é diretor regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília